

Brasileiros aceitam privações na busca pelo sonho americano

Imigrantes em situação irregular trocam vida de classe média por empregos nas áreas de construção civil e limpeza

EXPATRIADOS DO BRASIL

LUCIANA ROSA
[luciana.rosa@globo.com]
fotografia: [luciana.rosa@globo.com]

Já faz 15 anos que Junior Pena, de 39 anos, escolheu o caminho mais difícil entre Minas Gerais e "uma vida melhor". Durante três meses, ele atravessou uma floresta na Guatemala, um deserto mexicano e as águas turvas que banham a fronteira sul dos EUA antes de unir-se a milhares de brasileiros e pessoas de outras nacionalidades que entram em território americano sem documentos — em dezembro do ano passado, o país registrou o recorde histórico de mais 370 mil cruzamentos irregulares a partir do México.

Na fronteira do Texas, onde a gente tinha que atravessar só o deserto mesmo, foi tenebroso — relembra o mineiro. — A gente passou fome, sede, tinha um grupo de pessoas querendo desistir, coitade usando drogas pra ficar acordado, e a gente sofre, mas todo mundo sofre [nessa situação]. Não tem jeito!

MOTIVAÇÃO ECONÔMICA

Desde que chegou, em 2009, Junior permanece no país em situação irregular — primeiro trabalhando com construção e hoje instalando piso de madeira — e, no TikTok, conta a mais de um milhão de seguidores como é a vida real nos Estados Unidos a partir de entrevistas com outros brasileiros que moram em Long Branch, no estado de New Jersey.

Uma delas é a baiana de Salvador Liliane Nunes, de 26 anos, que rapidamente entendeu que a maior potência eco-

nômica mundial — destino favorito dos expatriados do Brasil, que somam 1,9 milhão no país — não dá de bandeja o sonho americano mesmo aqueles que entram de forma regular.

Após a pandemia, Liliane resolveu entrar em um programa chamado Au Pair, um tipo de intercâmbio que mistura a prática do idioma com o trabalho como babá no exterior. Ela investiu cerca de R\$ 10 mil entre passagens e documentos e, em maio de 2022, começou sua nova vida em uma casa de família em Middletown, em Connecticut.

— Você tem que ter entre 18 e 26 anos para embarcar. Não pode ser casado, não pode ter filhos e normalmente precisa ter algum tipo de formação extra também — explica ela, que é formada em psicologia.

Embora ela tenha tido uma primeira boa impressão da família que a recebeu, logo sentiu os entraves de morar em uma zona de subúrbio sem rede de transporte, em que a vida sem carro ou dinheiro suficiente para comprá-lo limita o ir e vir e cria uma dependência dos empregadores. Além disso, conta Liliane, a família exigia dela mais do que o previsto em contrato, desatando crescentes conflitos que acabaram com sua expulsão.

Quando falei que não queria renovar com essa família, fui expulsa da casa delas às 21h30, em uma noite fria, terrível — relembra. Atualmente, Liliane possui um carro em Long Branch, mas, em um limbo legal, trabalha como professora de inglês enquanto tenta regularizar sua situação.

Hanna Krispin, advogada que ajuda imigrantes a regularizar sua situação nos

EUA há mais de 20 anos, diz que pessoas que "pensam que vão poder pedir asilo" são uma parte do alto número de brasileiros que passaram a cruzar a fronteira desde 2019, com o recorde sendo atingido em 2021, quando 806.100 cidadãos do Brasil foram apreendidos ao tentar entrar no país. Mas a motivação econômica continua sendo a principal para a decisão de mudar. — O termo que ainda podemos usar é o sonho americano. A perspectiva de que você aqui vai trabalhar, poder melhorar de vida e prover uma vida melhor, não só para você, mas para seus familiares.

PAPEL DAS IGREJAS

Concentrados em sua maioria nas áreas metropolitanas de Miami, na Flórida; Boston, em Massachusetts; e na cidade de Nova York, no estado homônimo, muitos dos brasileiros que trocam uma vida de classe média no Brasil por empregos nas áreas de construção civil e limpeza doméstica encontram um senso de comunidade em igrejas evangélicas brasileiras que se espalharam pelo país, onde se prega em português e é possível conseguir ajuda para encontrar desde casa até trabalho.

Um deles é o paulista Geovane Daniotti, de 27 anos, que diz de usufruir nos EUA de uma vida tranquila, "como se estivesse no interior de São Paulo". Ele resolveu que era hora de deixar São Roque em 2020, quando perdeu o emprego de comissário de bordo diante a crise aérea da pandemia. A ideia inicial foi passar três meses na Flórida, onde a Buícinha do Inglês é quase dispensável pela grande quantidade de falantes de espanhol. Foi no primeiro



Au pair. A soteropolita Liliane Nunes durante visita a Times Square, em Nova York: jovem migrou como babá



Em família. Geovane Daniotti com a esposa, Diomara, e os dois filhos

trabalho com serviços gerais em um hotel de Orlando que ele conheceu sua mulher, Diomara.

Depois de dizer adeus ao calor da Flórida, Geovane

hoje frequenta com a mulher e os dois filhos pequenos uma igreja no frio de Salt Lake City, no estado de Utah. Diomara, que migrou aos 15 anos, obteve a cidadania

quando a mãe conseguiu o green card após se casar com um americano, e agora poderá assegurar ao companheiro a legalidade. Mas, como o processo até o visto é longo, Geovane conta que esteve a ponto de desistir pelo mal mais comum a quem resolve deixar o Brasil: a saudade, principalmente enquanto acompanhava de longe uma doença cardíaca do pai e a deterioração da saúde da mãe. Mas, após uma melhora no quadro de ambos, ele decidiu, então, esperar a regularização para viajar ao Brasil. Situação similar viveu Junior Pena, que pôde ajudar a bancar tratamentos caros de saúde da família com o dinheiro ganho nos EUA, mas teve de acompanhar o funeral do pai por videochamada ao decidir não viajar ao Brasil pelo risco de depois não poder regressar aos EUA pela falta de documentos.

— A única coisa que eu não posso fazer é ir ao Brasil, sabe? Porque, se eu for, depois eu não posso voltar. Mas, fora isso, eu vivo como um cidadão americano.

Milhares voltam às ruas em Israel contra Netanyahu

Manifestantes pedem libertação de reféns, eleições para Parlamento e renúncia do premier, em maior protesto desde outubro

DE JERUSALÉM

Dezenas de milhares de manifestantes israelenses saíram às ruas ontem, pelo segundo dia consecutivo, exigindo a libertação de todos os reféns detidos na Faixa de Gaza, a realização de novas eleições para o Parlamento e a destituição do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que operou com sucesso uma heróica diagnóstico no sábado.

Os manifestantes se reuniram em frente ao Knesset, centro do Poder Legislativo do país, e bloquearam a principal estrada de Jerusalém. Segundo os organizadores, cem mil pessoas participaram dos atos ontem, o maior número desde o início do conflito com o grupo terrorista Hamas, em outubro. Muitas delas armaram o Knesset, prometendo conti-

nuar as manifestações no local até quarta-feira.

Na noite de sábado, já haviam sido registrados protestos nas cidades de Tel Aviv, Cesária, Jerusalém, Raanana e Herzliya. A capital tem sido palco de manifestações semanais que pedem que o governo chegue a um acordo de cessar-fogo para libertar os reféns mantidos em Gaza, mas os protestos vêm crescendo à medida que a guerra se arrasta e a raiva contra o governo de Netanyahu aumenta.

Ontem, país de soldados montados como reféns se reuniram com o premier, mas o balanço final do encontro foi, segundo eles, frustrante.

— Depois de seis meses, esperávamos e esperamos receber um pouco de ar e boas notícias sobre o progresso nas negociações, mas infelizmente não recebemos — disse o pai da refém Naama

Levy, Yoni, em entrevista à rádio das Forças Armadas de Israel. — Tínhamos muitas expectativas para essa reunião, mas, infelizmente, para nós e para os reféns, não houve boas notícias.

'EXIGÊNCIAS DELIRANTES'

No fim da noite, o Gabinete do primeiro-ministro anunciou que a cirurgia terminou com sucesso e que Netanyahu "estava em boas condições". Em coletiva de imprensa antes de partir para o hospital, premier rebateu os clamores dos manifestantes pela realização de novas eleições gerais. Segundo ele, um pleito neste momento beneficiaria o Hamas.

— Isso paralisaria as negociações para a libertação de nossos reféns e poria fim à guerra antes que os objetivos fossem completamente alcançados. O primeiro a se beneficiar é o



Revolta. Multidão protesta em Jerusalém no domingo de Páscoa

Hamas, eisoditudo — disse Netanyahu, reafirmando a promessa de trazer todos os reféns de volta, "homens e mulheres, civis e soldados, os vivos e as vítimas". — Não deixarei ninguém para trás.

Netanyahu também anunciou uma nova ofensiva em Rafah, na fronteira com o Egito, último refúgio de grande

[nisso] — disse. — Nem todas as exigências feitas pelo Hamas, algumas das quais são delirantes e muito perigosas, precisam ser aceitas. Ontem, Osama Hamdan, um dos dirigentes do Hamas no Líbano, declarou que não houve qualquer progresso nas negociações para a libertação de reféns. Em entrevista ao canal de TV catari al-Jazeera, Hamdan afirmou que Israel está procrastinando nas respostas e não estabeleceu nenhum compromisso com os mediadores para viabilizar a questão.

CLAMOR DO VATICANO

Mais cedo, em sua missa tradicional de Páscoa, o Papa Francisco denunciou que a "guerra é sempre um absurdo".

— Reitero meu apelo para garantir a possibilidade de acesso humanitário a Gaza, pedindo mais uma vez a rápida libertação dos reféns sequestrados e um cessar-fogo imediato na Faixa de Gaza.

Nonclave, um bombardeio israelense contra o hospital de al-Azka deixou quatro mortos e 17 feridos, segundo a Organização Mundial da Saúde.